

AUPPF

ASSOCIAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE PESQUISA EM
PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

PROJETO DE PESQUISA

Pesquisador-doutor:

Claudio Marcio Coelho

Título:

Pathos & Cultura

Gilberto Freyre, a formação do Brasil e as raízes de nossa
insuficiência imunológica psíquica

Área de concentração:

História, Ciência Política e Psicopatologia Fundamental

Serra, ES
01-2021

Projeto de Pesquisa

1. Objetivos

O objetivo basilar do presente projeto é o estudo da relação entre *Pathos & Cultura*, especificamente, almeja-se compreender como o *pathos* – enquanto sofrimento-passividade-paixão-excesso – engendrou efeitos políticos decisivos na interpretação que o escritor e cientista social Gilberto Freyre construiu acerca do Brasil e dos brasileiros. Investigaremos como o autor construiu sua fantasia de Brasil a partir do complexo casa-grande e senzala: microcosmo social e construto teórico, estético expressivo e analítico, que simula a gênese de formação da sociedade brasileira. Especialmente, discutiremos tais processos a partir da contribuição de Manoel Tosta Berlinck e de seus estudos sobre Psicopatologia Fundamental e *insuficiência imunológica psíquica*. Pretendemos apurar se as raízes históricas e sociológicas de nossa *vulnerabilidade psíquica* foram engendradas no/pelo complexo casa-grande e senzala.

O segundo objetivo é pensar para além de Gilberto Freyre, o que constitui um esforço interpretativo, hermenêutico, sociológico e psicanalítico de perceber as contribuições do autor para este debate, as repercussões de seu sofrimento psíquico na tradução do passado brasileiro e as consequências da ideologia da miscigenação, por ele forjada, na constituição da identidade nacional e da “cultura brasileira”¹. Neste sentido, pensar para além de Gilberto Freyre consiste em não se limitar a mera interpretação intelectual, epistemológica e histórico-sociológica do autor e de sua obra, mas de perceber como a teoria freyriana nos faz re-viver a nossa *vulnerabilidade psíquica* nacional.

O terceiro objetivo é testar empiricamente a ideia/conceito de *insuficiência imunológica psíquica*, conforme propôs Berlinck, pois embora tal perspectiva represente um expressivo avanço nos estudos sobre *pathos*, *cultura* e *sociedade*, ainda carece de pesquisas empíricas que lhe confirmem maior objetividade, robustez e reconhecimento nos meios intelectuais, científicos e acadêmicos. É preciso ir a campo para testar, mapear e radiografar a *vulnerabilidade psíquica* latente (inconsciente) no pensar, sentir e agir cotidianos dos filhos do Brasil.

¹ Cultura Brasileira entre aspas, posto que dada a diversidade cultural e étnica de nossa formação, quiçá devêssemos falar em “culturas brasileiras”.

2. Hipóteses orientadoras da pesquisa

1ª Hipótese: A conquista/colonização do Brasil se realizou atravessada por ataques virulentos aos povos autóctones que aqui viviam (os chamados indígenas brasileiros) e, posteriormente, aos escravos negros que foram trazidos pelo tráfico negreiro. Os indígenas sofreram imediatamente com as práticas genocidas, de extermínio e de pacificação religiosa realizadas pelo conquistador europeu e os escravos negros com práticas cotidianas orientadas por violências, humilhações, privações e crueldades, que lhe foram impostas pelos senhores de terras e pela família patriarcal. Em ambos os casos se configuraram relações desiguais, autoritarismos e degradações da condição humana. O Brasil nasce do aviltamento de seus filhos indígenas e negros.

2ª Hipótese: As relações violentas e virulentas - apontadas na 1ª Hipótese - repercutiram na formação nacional: de modo geral, elas são as raízes de nossa *insuficiência imunológica psíquica*. Os efeitos históricos, políticos e sociais dessa *vulnerabilidade psíquica* nos fragiliza perante o desafio de enfrentar violências e autoritarismos engendrados por aqueles que exercem o poder de mando no Brasil. São traumas históricos que ecoaram na formação do Brasil e que ainda ressoam nos dias atuais.

3ª Hipótese: Apesar do empenho por construir uma narrativa indiciária, denunciativa, poética e emocionada do passado brasileiro, ao descrever os genocídios e violências sofridas pelos primeiros filhos do Brasil (indígenas e escravos negros), a teoria freyriana e sua fantasia de Brasil acionam afetos nacionais e capturam nossas feições coletivas, fazendo-nos revivificar nossa *vulnerabilidade psíquica*.

4ª Hipótese: O complexo casa-grande e senzala, conforme traduziu/descreveu Gilberto Freyre, gerou relações e afetos como passividade, fragilidade e vulnerabilidade psíquica ante aos autoritarismos do patriarcalismo colonial: violências e absolutismos que constituem e que permanecem na formação nacional. A casa-grande brasileira criou/re-criou relações subjetivas e sociais (*pathos* e cultura) que constituem a antecâmara da ignorância simbólica da lei e da ideologia do favor na formação do Brasil.

5ª Hipótese: As raízes de nossa *insuficiência imunológica psíquica* são causa/efeito do autoritarismo afetivo e do absolutismo religioso, que retornam na história nacional traduzida e

reproduzida por Freyre, produzindo efeitos ideológicos (sentimentos políticos) deletérios de longa duração que fragilizam a democracia brasileira.

6ª Hipótese: Há relação interdependente e de causa/efeito entre o *paterfamilis nacional* (nossa imago paterna ausente e degradada: o senhor patriarcal), a ignorância simbólica da lei, a ideologia do favor e a ir-responsabilidade parental do Estado. Estas relações engendram potentemente *insuficiência imunológica psíquica* em jovens brasileiros pobres, negros e que sofrem vulnerabilidade social.

3. Justificativa e problema

O projeto justifica-se pela relevância de se pesquisar/discutir a formação nacional a partir de suas raízes psicopatológicas fundamentais, ou seja, pelo ineditismo de escrutinar a obra do renomado ensaísta e cientista social pernambucano Gilberto Freyre, confrontando seu pensamento à importante contribuição do sociólogo e psicanalista Manoel Tosta Berlinck. Tal esforço hermenêutico/psicanalítico ainda não foi realizado, apesar do apreço freyriano pela psicanálise, ao introduzir, já nas primeiras décadas do século XX, conceitos e categorias psicanalíticas na interpretação histórica e sociológica do Brasil. Freyre estava antenado às principais manifestações artísticas, culturais, filosóficas e científicas conflagradas nos grandes centros intelectuais da Europa e dos Estados Unidos (Coelho, 2007). Conhecia a revolução epistemológica inaugurada por Freud e o debate em torno de suas intrigantes ideias sobre o psiquismo, o inconsciente, as pulsões, a sexualidade.

O período histórico vivenciado por Freyre e o contexto de formação do pensamento social brasileiro no início do século XX foi deveras fértil em manifestações artísticas, culturais, políticas e de produções intelectuais importantes para a consolidação das ciências sociais brasileiras, sobretudo, para a construção de um ideário científico sobre a formação do Brasil e de sua identidade nacional. Neste contexto e considerando a urgência do tema proposto, destacarei como o autor experienciou o desafio intelectual de responder às perguntas indagadoras: O que é o Brasil? O que é ser brasileiro? Tal desafio, encarado por Freyre como missão (Coelho, 2016), esteve presente nos debates acalorados de sua época, mas poucos perceberam que as ideias de Freud poderiam iluminar a tradução do passado de povo, poucos foram corajosos a ponto de apostar em um intelectual polêmico ainda muito rechaçado e mal interpretado nos meios acadêmicos. Felizmente, o apreço freyriano pelos movimentos intelectuais, estéticos e culturais ligados ao romantismo alemão, do qual participava Freud,

parece ter repercutido em sua apropriação das ideias freudianas. Assim, presumivelmente, pela via estética literária (Freyre apreciava os românticos alemães) e pela circulação de ideias (apropriação cultural) posso investigar como a relação *Pathos & Cultura* repercutiu na produção intelectual de Gilberto Freyre, possibilitando uma leitura *sui generis* de sua/nossa formação.

O problema que orienta essa pesquisa pode ser apresentado a partir das seguintes questões:

- a) Quais os efeitos intelectuais e afetivos da repercussão do *pathos* na tradução freyriana do passado brasileiro?
- b) Como a relação entre *Páthos & Cultura* refletiu em sua fantasia de Brasil e invenção da identidade nacional?
- c) Quais as implicações sociológicas, políticas e psicanalíticas do *pathos* na constituição da *insuficiência imunológica psíquica* nacional ante aos autoritarismos, violências e expropriações vivenciadas por milhões de indivíduos/sujeitos desamparados pelo Estado brasileiro, nomeadamente, os que sofrem *vulnerabilidade psíquica e social*?

Nesta última questão, interessa-nos o desdobramento da *vulnerabilidade psíquica e social* vivenciada por jovens negros e pobres entre 12 e 18 anos, que estudam na escola de ensino médio Professor João Loyola, no município de Serra/ES, onde leciono as disciplinas de Sociologia e Saúde Mental. Considero importante e urgente a possibilidade de verificar/testar empiricamente a ideia/conceito de *insuficiência imunológica psíquica* (conforme propõe Manoel Tosta Berlinck) em estudo sociológico a partir das contribuições de Gilberto Freyre. O estudo da relação *Pathos & Cultura* na obra freyriana pode contribuir para um aprofundamento de suas ideias acerca do Brasil e transbordar como pesquisa empírica sobre as raízes histórico-sociológicas de nossa *insuficiência imunológica psíquica*. Creio que tal empiria constitui um avanço importante para os estudos e pesquisas no campo da Psicopatologia Fundamental no Brasil e contribuem para o trabalho intelectual e de pesquisa da AUPPF – Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental no campo social, político, psicanalítico, educacional, entre outros.

4. Objeto de estudo e delimitação do tema

Intrigantes e reveladoras as últimas linhas da obra clássica de Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, publicada em 1933. Linhas que destoam de seu flagrante entusiasmo ao

escrever sobre a formação nacional, mas a ambiguidade dos afetos e dos sentimentos sempre se impõe e o retorno do recaiado não pode ser contido. Impossível domar a contrariedade que atravessa o humano e a angústia essencial que o constitui. No parágrafo final de seu livro, Freyre descreve as principais causas do sofrimento psíquico e das mortes de negros escravos no período colonial. Escreve também sobre a tristeza, a melancolia e a depressão resultantes da vida de escravo nesse contexto. O trecho é mórbido em toda a sua extensão. Vejamos alguns indícios:

Mas não foi toda de alegria a vida dos negros, escravos dos ioiôs e das iaiás brancas. Houve os que **se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potagens dos mandingueiros. O banzo deu cabo de muitos.** O banzo – a saudade da África. Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal – **entregando-se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se. Doenças africanas seguiram-nos até o Brasil, devastando-os nas senzalas.** As boubas e talvez o pião, entre outras. E comunicando-se as vezes aos brancos das casas-grandes. A África também tomou vingança dos maus-tratos recebidos da Europa. Mas **não foram poucas as doenças de brancos que os negros domésticos adquiriram;** e as que se apoderaram deles em consequências da **má higiene** no transporte da África para a América ou das novas **condições de habitação** e de **trabalho forçado.** Trabalho forçado que nas cidades foi quase sempre “em desproporção com a nutrição”, diz-nos Jobim que, em 1835, anotou as seguintes **moléstias**, como predominando entre os operários e escravos domésticos do Rio de Janeiro: sífilis, hipertrofia do coração, reumatismo, bronquites, afecções das vias aéreas, pneumonias, pleurises, pericardites, irritações e inflamações encefálicas, tétano, hepatites, erisipelas, ordinariamente nos membros inferiores e nos escrotos e aí determinando hipertrofia e degenerescência fibrolardácea do tecido celular subcutâneo, extravasões nas diversas cavidades sonoras, raras vezes nas articulações e freqüentemente no abdômen, na pleura, no pericárdio, na serosa testicular, nos ventrículos cerebrais determinando paralisia; e ainda tubérculos pulmonares, febres intermitentes, opilação. “Os vermes e particularmente a toenia, e as ascarides lombricoides abundão muito”, acrescenta Jobim (FREYRE, 2003: 552-3, grifo nosso).

Nos trechos grifados percebe-se que o autor identifica aspectos (indícios) históricos, sociológicos e psíquicos que caracterizam uma vulnerabilidade afetiva, emocional e física dos escravos negros trazidos para o Brasil. A angústia vivenciada por tais escravos e seus descendentes, em um cenário social catastrófico, marcado por desgraças e violências

descomunais, é traduzida na escrita freyriana a partir de um inventário de sofrimentos psíquicos, doenças e mortes, isto é, pelo *pathos* em seus excessos. A fragilidade emocional dos escravos – diante dos ataques virulentos do colonizador europeu e de sua ação predatória na conjuntura política e econômica colonial – constitui o que a Psicopatologia Fundamental chama de *vulnerabilidade psíquica*.

A vulnerabilidade psíquica contingente é, assim, constitutiva do humano, da subjetividade. Lidar com ela significa, pois lidar com o vazio do desejo. Todavia, quando, ultrapassando a vulnerabilidade do oco do desejo, esta se constitui no campo estruturado do excesso inscrito no absolutismo afetivo que demanda o amor do/ao censor, numa constante reificação de um padrão de obediência e submissão, ela – vulnerabilidade – transformando-se num padrão psíquico perverso inscrito nas relações sociais com visíveis efeitos no sistema imunológico humano. É o que Manoel Tosta Berlinck designa como “insuficiência imunológica psíquica” (NEDER CERQUEIRA; CERQUEIRA FILHO, 2007: 3).

Ao examinar o renomado livro do Frei Bartolomé de las Casas, *Brevíssima relación de la destrucción de las Índias Ocidentales*, publicado em 1552, na Espanha, Manoel T. Berlinck chama nossa atenção para a notória fragilidade psíquica e física das populações nativas das américas (os índios americanos) frente aos ataques virulentos, sanguinários e genocidas praticados pelos conquistadores europeus, neste caso, pelos espanhóis. Berlinck (1997a: 2) explica que tal “incapacidade de se proteger contra ataques virulentos habita o imaginário ocidental que possui numerosas e repetidas manifestações da insuficiência imunológica psíquica”. Ademais, argumenta Berlinck, a psicanálise interpreta o aparelho psíquico como “uma construção que responde à violência primordial que ameaça a existência física do sujeito e da espécie e, ao mesmo tempo, é insuficiente para proteger o sujeito de ataques virulentos tanto internos como externos”. Logo, é importante destacar os aspectos constitutivos do humano desde seus primórdios, de sua história evolutiva, que por processos de filogênese (evolução da espécie) e ontogênese (evolução do indivíduo) foi se hominizando ante aos processos marcadamente virulentos, ameaçadores, angustiantes e que estabeleceram as ressonâncias de passado primitivo inaugurado de devastação/destruição.

(...) Em *Neuroses de transferência: uma síntese* (1987), Freud constrói um mito das origens da psicopatologia psicanalítica que coincide com o da subjetividade humana. Assim, é possível dizer, com Freud, que não só **o ser humano apresenta um desamparo originário, como este se deve à insuficiência imunológica a ataques**

virulentos vindos do exterior. A chamada era glacial ameaça a sobrevivência da espécie que encontra, nas neuroses de transferência, formas criativas de se proteger dessa ameaça e que vão constituindo o psiquismo humano. Para Freud, pelo menos nesse importante texto, não há como separar corpo e psique, não há como distinguir subjetividade e psicopatologia e não há como supor que as manifestações psicopatológicas não sejam somáticas e se distingam da subjetividade. Para Freud, histeria, perversão, obsessão etc. são modos de subjetivação, ou melhor, são a subjetividade pois o sujeito se constitui somente por essa via. É por isso que é possível se falar de uma **psicopatologia fundamental**, pois o que não institui a subjetividade pela via psicopatológica produz o extermínio.

Entretanto, apesar dessas descobertas tão importantes, ainda estamos longe de compreender porque certas populações são mais vulneráveis do que outras a ataques virulentos, e porque se deixam destruir sem esboçarem sequer uma defesa manifesta. Que todos somos portadores de um desamparo originário que é responsável inclusive por uma insuficiência constitutiva do aparelho psíquico, não se discute. Essa é uma importante descoberta freudiana. Que a subjetividade humana se manifesta, ainda que de forma evanescente, pela via psicopatológica, também não se discute. Mas **ainda que sejamos todos iguais, há uns que são mais iguais do que outros** constituindo, assim, um enigma que pede imperativamente um esforço de pesquisa e de compreensão. **A esse desamparo adicional** que, como uma paixão, expõe o sujeito ao extermínio é **que estou denominando de insuficiência imunológica psíquica** (BERLINCK, 1997a: 2, grifo nosso).

O trecho acima, extraído de *Insuficiência imunológica psíquica*, texto publicado no Boletim de Novidades da Livraria Pulsional, nº 103, em novembro de 1997, por Berlinck, apresenta argumentos que justificam a Psicopatologia Fundamental. O desamparo original que constitui o ser humano e as manifestações psicopatológicas da subjetividade humana são basais à condição humana. O autor elenca o brilhante texto de Freud, *Neuroses de transferência: uma síntese*, de 1914-1915, para acrescentar um “desamparo adicional” que atravessa alguns grupos humanos, qual seja, uma paixão/passividade que expõe o sujeito ao extermínio, ao genocídio. Essa fragilidade psíquica/física (Freud não separa corpo e psique) ante ao sensor, dominador ou opressor equivale a uma vulnerabilidade que Berlinck chama de *insuficiência imunológica psíquica*.

Berlinck percebe similitudes na forma como os índios americanos e os judeus manifestaram seus sentimentos em relação aos seus algozes. Os índios centro americanos receberam os espanhóis como deuses e os judeus “não acreditavam” que os nazistas seriam

capazes de implementar uma política antissemita e genocida, pois estavam “felizes” com a vida na Alemanha e na Polônia. Assim, os indígenas americanos capturados pela estética mito-religiosa cristã sobre os conquistadores europeus e os judeus tomados pela estética nazista, atribuíram o grande e o majestoso aos espanhóis e aos nazistas. Há neste contexto, um fascínio paralisante e uma paixão pelo sensor, pelo dominador. Pode se dizer que tais sentimentos são afetos que promovem uma devastação no sujeito, retirando-lhe um de seus atributos mais valiosos: a autonomia.

O sujeito que interessa à Psicopatologia Fundamental é o “sujeito trágico”, o sujeito que “é constituído e coincide com o pathos, o sofrimento, a paixão, a passividade” (Berlinck, 1997b: 17). Bem assim, a *insuficiência imunológica psíquica* e/ou a *vulnerabilidade psíquica* são sintomas desse ser *psicopathológico*. Neste sentido, conforme argumenta Berlinck, onde o *pathos* acontece há excesso, desmesura, sofrimento, paixão e passividade.

A Psicopatologia Fundamental é um discurso (logos) sobre o *pathos* psíquico e a subjetividade (enquanto fenômeno psíquico e sociológico/cultural), pois o “fundamental” da psicopatologia diz respeito à subjetividade, que só pode ser traduzida por uma perspectiva interdisciplinar. Porquanto, a Psicopatologia Fundamental difere da Psicopatologia Geral, que está restrita às manifestações psicopatológicas conscientes. Desde Freud, e sua revolução epistêmica sobre o inconsciente sexual, aprendemos que o homem é portador de um excesso, de uma dor, de um sofrimento psíquico, por isso dizemos que é um ser *psicopathológico*.

O debate proposto por Berlinck sobre uma teoria geral da Psicopatologia Fundamental auxilia-nos na interpretação sobre a melancolia que levou milhões de indígenas e escravos negros ao suicídio, a sucumbirem ante aos martírios e trabalhos forçados da escravidão, às doenças infectocontagiosas e práticas autodestrutivas e pela morte precoce.

A insuficiência imunológica psíquica não só aumenta a vulnerabilidade do organismo a ataques virulentos, como impede que defesas sejam acionadas quando esses ataques ocorrem. A insuficiência imunológica psíquica, que se manifesta claramente em pacientes melancólicos que possuem uma grande capacidade destrutiva e autodestrutiva, possui ressonâncias de um tempo primitivo inaugurado pela destrutividade (BERLINCK, 1999: 31).

Há uma relação íntima e complexa entre *Pathos & Cultura*, o que nos permite avaliar o quanto de paixão, sofrimento e passividade são transmitidos culturalmente, seja pelo que Freud (1987) chamou de *neurose de transferência* e que se realizou por processos históricos,

políticos, econômicos, sociais e religiosos e que expressam uma história singular (subjéitiva) e coletiva (social) simultaneamente.

É importante demarcar alguns aspectos teóricos e metodológicos da Psicopatologia Fundamental. De imediato, é preciso recorrer a Berlinck (2009: 441) para se traduzir a importância do método clínico neste campo de estudo/pesquisa em psicanálise. Assim, a psicopatologia é “discurso resultante de caminho visando um objetivo, ou seja, ela se realiza por meio da prática clínica”. Enquanto método, tal prática é “caminho que se percorre” e seu “resultado” será “sempre precário”, mas a “prática clínica é social e, nessa perspectiva, só ela é critério de verdade na psicopatologia”. É na prática clínica que o *pathos*, quando falado/posto em palavras, se manifesta e se revela em sua complexidade, pois “é sempre obscuro, já que não é imediatamente dado a ver” (442). Assim, o método clínico,

(...) descobrindo pela palavra o encoberto, revela a verdade sempre provisória, evanescente do afeto: o *pathos* psíquico. Colocar em representação o *pathos* é produzir um conhecimento do humano, pois transforma aquilo que é singular e obscuro no que é claro, abrindo oportunidade para o coletivo (BERLINCK, 2009: 443).

Voltando ao livro *Casa-Grande & Senzala*, obra clássica de Freyre, pode-se extrair trechos cuja a narrativa é deveras comovente e aterrorizante: um verdadeiro jardim dos suplícios de índios e negros escravizados, dizimados, devastados pelo mundo que o português criou. Herdeiro do paradigma estético expressivo, tão bem caracterizado pelos escritores que amou – a narrativa psicológica de Proust, a história íntima dos Goncourt, o imaginismo/retratismo de Balzac, a literatura policial de Doyle – Freyre concebe o romance familiar brasileiro, um drama psicossociológico com ares de obra mito poética épica (Rodrigues, 2008). Os cenários extasiantes de nosso romance são ao mesmo tempo excesso e falta, paixões e ódios, amores e sexualidades exaltadas, religião e vingança, resiliência e desespero, devastações, genocídios, extermínios, esquecimentos, recalques, mas prevalecendo na narrativa freyriana o *ethos*, a conciliação dos opostos, isto é, o equilíbrio de antagonismos, como preferia.

Num cenário que transborda vulnerabilidade psíquica (e social), Freyre escreve pouco sobre a ação predatória do colonizador português para com os povos autóctones no Brasil, nos idos de 1.500 d.C. No entanto, o trecho abaixo é suficiente para caracterizar a devastação/extermínio dos povos indígenas que habitavam a Terra Brasilis.

Causa de muito despovoamento foram ainda as **guerras de repressão ou de castigo** levadas a efeito pelos portugueses contra os índios, com evidente superioridade técnica. Superioridade que os triunfadores não raras vezes ostentaram contra os vencidos, **mandando amarrá-los à boca de peças de artilharia** que, disparando, “semeavam a grandes distâncias os **membros dilacerados**”; ou **infligindo-lhes suplícios** adaptados dos clássicos às condições agrestes da América. Um desses o de Tulo Hostúio, de prender-se o paciente a dois fogosos cavalos, logo soltos em rumos opostos. Esse horrível suplício foi substituído no extremo-norte do Brasil pelo de amarrar-se o índio a duas canoas, correndo estas, à força de remos, em direções contrárias até partir-se em dois o **corpo do supliciado**. No Maranhão e no Pará as crueldades contra os indígenas não foram menores do que as exercidas no Sul pelos paulistas: estes chegavam a incumbir-se de "guerras contra os índios" como de uma especialização macabra. O resgate, ou fosse a venda de índios, capturados e trazidos dos sertões às fazendas em condições tais que só chegava à metade ou a terça parte, praticava-o o próprio governo em benefício da construção de igrejas (FREYRE, 2003: 226, grifo nosso).

Cabe aqui algumas indagações: Como o genocídio tragicamente vivenciado pelas etnias indígenas, que habitavam o Brasil de 1.500 d.C., repercutiu na formação das primeiras famílias brasileiras? Como o *ethos indígena*, que sobrevive na formação nacional, repercute a melancolia desses povos que foram massacrados pelo colonizador português? Como pensar os ataques virulentos do conquistador europeu e a vulnerabilidade psíquica de nossos primeiros pais e mães indígenas no contexto de formação do Brasil?

Outrossim, ao longo do processo de ocupação da colônia portuguesa, outras relações afetivas e sociais foram estabelecidas por personagens outros de nosso romance familiar na casa-grande colonial: o senhor de engenho, a senhora, o sinhozinho, a sinhá moça, os agregados da família, os escravos negros. Relações marcadamente racistas, autoritárias e violentas. Aos escravos negros, embora muitas vezes íntimos dos brancos (a escrava amante do senhor e sexualmente iniciadora do sinhozinho, a mucama confidente da senhora e cúmplice da sinhazinha, a mãe de leite das crianças brancas, o negrinho cavalinho do menino branco, etc.) preponderava um cenário de horror, sofrimentos, violações e degradações.

A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal. “Feias e fortes”. Paredes grossas. Alicerces profundos. Óleo de baleia. Refere uma tradição nortista que um senhor de engenho mais ansioso de perpetuidade não se conteve: mandou matar dois escravos e enterrá-los nos alicerces da casa. **O suor e**

às vezes o sangue dos negros foi o óleo que mais do que o de baleia ajudou a dar aos alicerces das casas-grandes sua consistência quase de fortaleza.

(...) Mas **a aliança da ama negra com o menino branco, da mucama com a sinhá-moça, do sinhozinho com o moleque** acabou com essa dualidade.

(...) **À figura boa da ama negra** que, nos tempos patriarcais, criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, o primeiro “padre-nosso”, a primeira “ave-maria”, o primeiro “vote!” ou “oxente”, que lhe dava na boca o primeiro pirão com carne e “molho de ferrugem”, ela própria amolegando a comida - outros vultos de negros se sucediam na vida do brasileiro de outrora.

(...) “Logo que a criança deixa o berço”, escreve Koster, (...) “dão-lhe um escravo do seu sexo e de sua idade, pouco mais ou menos, por camarada, ou antes, para seus brinquedos. Crescem juntos e o escravo torna-se um objeto sobre o qual o menino exerce os seus caprichos; empregam-no em tudo e além disso incorre sempre em censura e em punição (...)”. Enfim, a ridícula ternura dos pais anima o insuportável despotismo dos filhos. **“Não havia casa onde não existisse um ou mais moleques, um ou mais curumins, vítimas consagradas aos caprichos de nhonhô”**, escreve José Veríssimo, recordando os tempos da escravidão. “Eram-lhe o cavalo, o levan-pancadas, os amigos, os companheiros, os criados.” Lembra-nos Júlio Belo o melhor brinquedo dos meninos de engenho de outrora: montar a cavalo em carneiros; mas na falta de carneiros, moleques. Nas brincadeiras, muitas vezes brutas, dos filhos dos senhores de engenho, os moleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas. Mas principalmente cavalos de carro. Ainda hoje, nas zonas rurais menos invadidas pelo automóvel, onde velhos cabriolés de engenho rodam pelo massapê mole, entre os canaviais, os meninos brancos brincam de carro de cavalo “com moleques e até molequinhas filhas das amas”, servindo de parelhas. Um barbante serve de rédea; um galho de goiabeira, de chicote.

É de supor **a repercussão psíquica sobre os adultos de semelhante tipo de relações infantis** - favorável ao desenvolvimento de tendências sadistas e masoquistas. (...).

Quanto à maior **crueidade das senhoras que dos senhores no tratamento dos escravos é fato geralmente observado nas sociedades escravocratas**. Confirmam-no os nossos cronistas. Os viajantes, o folclore, a tradição oral. Não são dois nem três, porém muitos os casos de crueidade de senhoras de engenho contra escravos

inermes. Sinhámoças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma série de judiadas. (FREYRE, 2003: 38, 416, 419-421, grifo nosso).

O autor narra com riqueza de detalhes e de forma pujante o deleite mórbido dos brancos da casa-grande para com escravos e escravas vítimas de seus senhores: o sadismo dos senhores brancos ao submeter a escrava negra aos seus deleites sexuais (seja pelo sexo forçado, brutal e ainda pelos estupros, tão comuns na relação de objetificação da escrava); o ciúme descontrolado das senhoras brancas a ponto de mandar espancar, marcar, cortar dedos, orelhas, nariz, seios e furar olhos de escravas amantes de seus maridos; a avidez dos sinhozinhos aliciadores e defloradores de meninas escravas, submetidas ao abuso e à violência simbólica, sexual e psicológica em sua meninice; as malvadezas do menino branco, aprendiz de senhor cruel, ao obrigar o moleque negro a servi-lo como cavalo de montaria, besta de almajarra, leva pancadas, para tudo o servia e sofria humilhações; a fidelidade da mãe de leite, que depois de avançada na idade, ainda que alforriada, preferia permanecer na casa-grande servindo aos brancos e por amor às crianças brancas, agora adolescentes ou adultos, mas que guardavam sentimentos de filhos e filhas.

Diante deste cenário de horror, sofrimento, passividade e paixão é preciso perguntar: Quais as repercussões afetivas e psicopatológicas de tais processos históricos e sociológicos em escravos negros e seus descendentes, aviltados por humilhações, privações e violências no microcosmo social e complexo multicultural que foi a casa-grande colonial brasileira? Como o *pathos psíquico nacional*, forjado nesse cenário traumatizante, repercute/retorna no contexto brasileiro contemporâneo? Como pensar a relação/imbricação entre *Pathos & Cultura*, considerando a repercussão desses processos na formação da sociedade brasileira? Quais os efeitos ideológicos/políticos do *pathos psíquico* para a configuração de uma *vulnerabilidade psíquica e social* entre jovens brasileiros negros e indígenas, pobres, marginalizados e expropriados de direitos fundamentais garantidos por nosso *paterfamilis social*, o Estado Brasileiro?

Mas temos outro aspecto delicado e decisivo acerca do *pathos* na formação do Brasil: Quem ocupa o lugar simbólico (e inconsciente) de *paterfamilis* da sociedade brasileira? Quem é grande Pai do Brasil? Para Marcia Rodrigues (2016), o senhor de engenho freyriano é o

arquétipo do pai primordial na fundação da maior civilização dos trópicos: ele é o pai do Brasil. Ademais, se a América Latina foi aviltada/estuprada/explorada pelo conquistador europeu e pelos senhores de terras (e o Brasil também, como parte dela), tal “aviltamento e exploração sem limites” teve “sempre por horizonte o corpo submetido e submisso do escravo, encarnação máxima da violência”. A “escravidão foi um recurso da colonização predatória que se impôs em função do monopólio do exclusivismo colonial e comercial português”. Nossa formação está “marcada pela exploração de caráter colonial e escravista”, o que faz do Brasil o “sintoma de uma tragédia inscrita na nossa memória” (Cerqueira Filho, 1993: 14). Por isso, é necessário refletir sobre a ação deletéria dessa violência e autoritarismo fundantes do Brasil, a partir do estudo histórico e psicanalítico de nosso primeiro pai, o senhor rural.

Assim escreveu Freyre acerca do grande patriarca rural que governou o Brasil: “Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos”. A força concentrou-se em suas mãos: “Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal. Feias e fortes. Paredes grossas. Alicerces profundos”. Senhores que “representaram na formação brasileira, a tendência mais caracteristicamente portuguesa, isto é, pé-de-boi, no sentido da estabilidade patriarcal. Estabilidade apoiada no açúcar (engenho) e no negro (senzala)”. Muitos eram “amigos exagerados da rede; voluptuosos do ócio; aristocratas com vergonha de ter pernas e pés para andar e pisar no chão como qualquer escravo ou plebeu”, ainda assim “souberam ser duros e valentes em momentos de perigo. Souberam empunhar espadas e repelir estrangeiros afoitos; defender-se de bugres; expulsar da colônia capitães-generais de sua Majestade” (1995: lvii, 428-429).

O senhor de terras foi um *paterfamilis* austero, seco, autoritário, muitas vezes violento, sádico e perverso com esposa, filhos, parentes, afilhados, agregados, mas, sobretudo, com o escravo negro (o moleque leva-pancadas de suas memórias infantis). Foi a personificação do poder, do mandonismo e da van-glória de mandar. Não participava do cotidiano da esposa e dos filhos, pois estava quase sempre envolto por atividades relacionadas ao governo de suas terras, da produção de açúcar, com questões econômicas, políticas, escravistas locais e além mar. Também não participava diretamente da educação dos filhos. Ausência, autoritarismo e idealização: eis a imago de nosso grande patriarca (Coelho, 2016). De tão idealizada pela esposa, filhos e sociedade colonial, sua imagem decolou, elevou-se, tornou-se inatingível, magnânimo (Rodrigues, 2008; 2016). Ao “escovar a história a contrapelo” (Benjamin, 2012:

245) é possível rastrear as raízes do autoritarismo e da van-glória de mandar – permanências de longa duração – na imago paterna e sua repercussão na formação nacional.

Cerqueira Filho (1993) investiga a pregnância da imago paterna ausente/degradada na formação do Brasil. No modelo de família europeia (luso-brasileira) que aqui madrugou, a presença paterna do senhor de terras (lei) não era a mais ativa.

Com o imenso poder que detinha em suas mãos, muito mais temido do que amado, este proprietário latifundiário se constituía numa figura acima do bem e do mal. Idealizado pelos filhos, pela esposa, pelos afilhados, pela criadagem, raramente vivenciava o dia-a-dia da fazenda. A educação dos filhos não lhe era atribuída, ficando reservada à Senhora. Assim, só muito remotamente os atributos referidos ao nome do pai eram assumidos e a sua presença era totalmente esvaziada da noção de limite e da lei (paterna). Também nesta família “européia” as crianças estavam referidas às relações de solidariedade que se estabeleciam entre as camadas sociais dominantes com as práticas de favor e as relações de compadrio sempre muito dominantes (CERQUEIRA FILHO, 1993: 44).

Aprofundando este aspecto, Gizlene Neder e Cerqueira Filho (2001) indicam a magnitude de poder do *paterfamilis* na sociedade colonial fortemente hierarquizada, que conferia ao grande patriarca, autoridade sobre todos os membros de sua casa:

A extensão do poder do chefe da família atingia um raio muito grande. Ele administrava legalmente as propriedades, os bens da família, tanto da esposa quanto dos filhos ainda solteiros, e concedia ou negava permissão para os filhos ou mesmo para uma filha viúva casar novamente. O casamento de seus subalternos, sobretudo de suas criadas, dependia de seu consentimento e sua interferência. A autoridade masculina estendia-se a todos os membros da casa. De acordo com as *Ordenações*, o chefe de família tinha o direito de castigar fisicamente a sua mulher, os seus filhos, os seus criados e seus escravos. Todos sujeitavam-se à autoridade do senhor. Eram, também, objetos implícitos de sua proteção. O pátrio poder alcançava, portanto, todos os que moravam ou trabalhavam na mesma casa. Ao mesmo tempo, o casamento era considerado um sacramento, cuja administração e autoridade jurisdicional pertenciam à Igreja e eram regidas pelo Direito Canônico (NEDER, CERQUEIRA FILHO, 2001: 09).

Como constamos, a imago do *paterfamilis* no contexto de formação do Brasil, desde os primeiros séculos da colonização, consolidou-se deveras degradada: autoritário, violento e

ausente, seja pela falta e pelo excesso. A ação deletéria deste *paterfamilis* engendrou efeitos político-ideológicos na formação da sociedade brasileira, entre os quais, a *ignorância simbólica da lei* e a *ideologia do favor*. Logo, nosso padrão ideológico paternalista está configurado pela relação autoritarismo e favor, pois “as práticas de favor só podem ser compreendidas acopladas às práticas de violência e exploração do trabalho escravo”. O favor, “presente ao nível da ideologia (...), consiste em si mesmo numa violência simbólica: a violência em ocultar a violência”. Nosso liberalismo está amalgamado ao favor, trata-se de um “liberalismo para inglês ver”. Ainda que o Brasil aspire à modernidade está amalgamado à permanência do favor e do autoritarismo, mesclados com o liberalismo: esta é a “marca da vida ideológica da formação social brasileira” (Cerqueira Filho, 1993: 21). Há, portanto, uma tensão permanente entre favor e liberalismo.

A *ignorância simbólica da lei* não é problema exclusivamente jurídico, também diz respeito à ignorância da imago paterna, que engendra a cultura da ilegalidade, da ausência de limites, do tudo poder, um não reconhecimento da legitimidade da lei e de sua observância. A maior consequência deste processo é a transição para a violência, para a imposição da vontade autoritária, da ditadura, do desrespeito às leis constituídas. A submissão ao amor desse pai autoritário instaura na estrutura psíquica do sujeito o amor ao poder que o submete: um *absolutismo afetivo* que se manifesta pelo amor aos governos autoritários, despóticos. Estes processos devem ser pensados considerando o “nível da representação política (lei jurídica)”, assim como da “representação psicológica inconsciente)” (Cerqueira Filho, 1993: 37-38).

Na escrita da história de Freyre encontramos indícios que corroboram os efeitos políticos deletérios inconscientes do amor ao censor em nossa formação social. O culto ao poder autoritário centrado na imago paterna e a submissão sacralizada ao seu poder:

(...) A nossa tradição revolucionária, liberal, demagógica, é antes aparente e limitada a focos de fácil profilaxia política: no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar “povo brasileiro” goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático. Mesmo em sinceras expressões individuais – não de todo invulgares nesta espécie de Rússia americana que é o Brasil – de mística revolucionária, de messianismo, de identificação do redentor com a massa a redimir pelo sacrifício de vida ou de liberdade pessoal, sente-se o laivo ou o resíduo masoquista: menos a vontade de reformar ou corrigir determinados vícios de organização política ou econômica que o puro gosto de sofrer, de ser vítima, ou de sacrificar-se.

Por outro lado, a tradição conservadora do Brasil sempre se tem sustentado do sadismo de mando, disfarçado em “princípio de Autoridade” ou, “defesa da Ordem” (FREYRE, 1995: 51-52).

Essa configuração patriarcal inconsciente gerou um padrão de dominação conservador e autoritário, porém, ambíguo, peculiar e subsumido na formação social brasileira. Sua forma é ideológica, pois alude e ilude pela re-vivificação permanente da van-glória de mandar. Um poder alicerçado em práticas de *sacralização da ordem* (supremacia da hierarquia) e de *amor do censor* (saudade do pai autoritário) (Legendre, 1983). Outrossim, nossas fantasias de poder e de autoridade estão alicerçadas num “complexo de afetos, emoções e de sentimentos inconscientes (ancorados na escravidão e na ideologia do favor) que obstaculizam a prática política liberal e democrática ainda hoje no Brasil” (Cerqueira Filho, 2005: 30).

A diluição da imago paterna pela ausência (falta) ou degradação (excesso) inviabiliza a prática democrática no Brasil, reavivando o autoritarismo de natureza tomista. Neste sentido, a *ignorância simbólica da lei*, a *ideologia do favor* e o *autoritarismo afetivo* constituem o que podemos chamar de vulnerabilidade política, a impotência diante do poder e a dificuldade de romper com a *obediência de cadáver* (Cerqueira Filho, 2020; Neder, 2016). O “tropo “Brasil” se inscreve simbolicamente num mais-gozar que se articula com um sentimento de mando e de poder absolutista”. Somos um país de tradição patriarcal-escravista, no qual impera o poder masculino, branco, católico, misógino, violento: o poder de “tudo poder, tudo saber, tudo querer”. Assim, a ignorância simbólica da lei que incide sobre o poder de tudo poder gera um gozo sem impedimentos: aos filhos tudo, aos inimigos a lei! Isso nos lembra algum poder ou governante?

Embora o Código Civil Brasileiro tenha estabelecido restrições ao pátrio poder ainda sofremos a pregnância deste *poder plenipotente* no Estado Brasileiro:

Mas a extensão da obediência ao pai conferida pelo costume e pela prática política seguiu dando suporte político e ideológico a uma autoridade paterna plenipotente. Estamos lidando com uma figura paterna que dificulta a identificação de limites impostos pela lei, no sentido jurídico, mas também no sentido psicanalítico. A idéia de que o atendimento aos desvalidos (velhos, crianças abandonadas ou desassistidas e loucos) deveria ser feito por meio da montagem de uma estrutura institucional estatal acompanhou a modernização do país na virada do século XIX para o XX. No entanto, a permanência do poder do chefe de família atuou produzindo efeitos ideológicos que dificultaram o processo de legitimação das políticas públicas no setor. O sucesso das políticas públicas neste campo (realizadas por instituições

governamentais ou não governamentais) depende, em parte pelo menos, da construção de um arcabouço ideológico e afetivo de sustentação da função parental repousada numa autoridade capaz de substituir esta figura tão abrangente do *paterfamilis* (CERQUEIRA FILHO e NEDER, 2001: 10-11).

A aliança político-ideológica entre a Igreja Romana e o *paterfamilis* na formação do Brasil e as permanências históricas e políticas decorrentes deste autoritarismo, de longa duração, obstaculizam a implementação de políticas públicas voltadas às mulheres, crianças, jovens, desvalidos, afrodescendentes (outrora dependentes e vítimas do despotismo dos antigos senhores rurais). Esta aliança de caráter conservador e reacionário dificulta o reconhecimento da responsabilidade parental do Estado para com estes grupos na passagem à modernidade.

É como se o processo de passagem à modernidade e de estruturação da arquitetura político-institucional periférica do Estado estivesse a meio-caminho, onde algumas permanências histórico-culturais que moldaram o processo de ideologização colonial e escravista convivessem com a introdução de algumas estratégias e procedimentos da modernidade republicana.

Queremos com isto dizer que, em alguma medida, a cultura político-institucional no Brasil dá um suporte ideológico limitado à atuação política do Estado. Duas outras forças político-institucionais disputam, com vigor, a primazia ideológica e política sobre estas políticas. De um lado, a Igreja e as forças do conservadorismo clerical. Mesmo considerando a separação entre Igreja e Estado empreendida após a proclamação republicana, a Igreja no Brasil vem disputando uma fatia significativa de interferência – no plano político e no plano ideológico – pelo menos em dois campos importantes: a assistência social e a educação. De outro, a instituição familiar, onde o *paterfamilis* é considerado, por natureza, responsável e respeitável, corresponda ele ou não à realidade. Neste ponto, a naturalização tomista atua no processo de simbolização e, também, inibe a ação do Estado e das políticas governamentais. Todo poderoso no texto da lei jurídica, açambarca sob as abas de seu chapéu uma parentela extensa (mulher, filhos, parentes, afilhados, criados e agregados) que, para além dos efeitos macro-políticos (...), produz efeitos ideológicos e políticos que obstam a institucionalização e a profissionalização de políticas públicas eficazes.

Em outras palavras, os asilos (de alienados, de velhos), os orfanatos, as prisões (inclusive para jovens infratores) e o sistema de educação pública não atuam em sua plenitude, de forma a garantir o suporte ideológico necessário para o exercício da

função parental do Estado; ou seja, ideológica e afetivamente, estas funções são atribuídas ao *paterfamilis*, que deve proteção (em troca de obediência) e/ou à caridade, que é articulada e mobilizada pelas instituições religiosas, mormente da Igreja católica (NEDER, 2002: 25-27).

A narrativa de Freyre sobre o senhor de terras apresenta ambiguidades. Apesar de autoritário, o senhor às vezes era generoso e benevolente para com os escravos. Eis a descrição: “Raro o senhor de engenho que morreu sem deixar alforriados, no testamento, negros e mulatos de sua fábrica”; ou ainda: “Alguns senhores mandavam dizer missa por alma dos escravos de estimação; enfeitavam-lhes as sepulturas de flores; choravam com saudade deles como se chora com saudade de um amigo ou de um parente querido” (Freyre, 1933: 477, 480).

O esforço freyriano por conciliar os pares irreconciliáveis (o patriarca autoritário e benevolente) constitui esforço apaziguador dos afetos antagônicos: foi uma ação intelectual motivada por um sentimento religioso marcante em sua vida, a sacralização católica romana do *paterfamilis*, cujo o propósito consiste em salvar o pai do Brasil. Seria o mesmo que afirmar: O senhor de engenho era violento, sádico e até cruel, mas foi o pai que tivemos, foi o pai que nos criou, protegeu e alimentou (Coelho, 2016).

A imago paterna é estrutura fundante da humanidade, é representação simbólica da lei, que realiza o processo de socialização e instaura as relações de sociabilidade, as relações políticas, religiosas, civilizacionais, etc. Logo, como salvar a maior civilização dos trópicos sem salvar o seu pai primordial? Se o Brasil é uma nação cujo *paterfamilis* é deveras idealizado, podemos presumir as consequências desses sentimentos (de longa duração) em nossa formação política. Serão consequências políticas decisivas. Neste sentido, podemos inquirir: Quem nos salvará da autoridade paterna plenipotente e de suas permanências históricas na formação do Estado Brasileiro? Quem nos protegerá dos que não receberam a inscrição da lei a partir do nome do pai?

Todo o cenário de horror, sangue e dizimação, que configura a tragédia brasileira pelo aviltamento de seus filhos indígenas e negros, está bem narrado na obra de Freyre, mas, conforme argumenta Marcia Rodrigues (2008), essa narrativa não prevalece na obra, não é vencedora, seja na argumentação teórica, seja na tradução freyriana do passado nacional. O *ethos* vence o *pathos*. O *ethos* faz prevalecer a perspectiva da miscigenação por mistura (a ideologia política senhorial) e da conciliação dos antagonismos (o conservadorismo romântico católico) e recalca o *pathos* (sofrimento, paixão, passividade) de nossa formação nacional. A

conciliação freyriana (de matriz católica-romana, a religião de seus pais) vence a contradição (apesar de sua formação filosófica/científica em grandes centros acadêmicos nos EUA e na Europa). É o negacionismo freyriano de nosso real nacional autoritário, cruel e perverso. Mas, um negacionismo inconsciente.

5. Referencial teórico: levantamento inicial

Para desenvolver o problema que orienta essa pesquisa utilizarei autores e obras que considero fundamentais. Autores que nos oferecem pistas e indícios que podem indicar caminhos para as respostas que procuro. Muito embora Gilberto Freyre tenha sido amplamente debatido nas ciências sociais brasileiras, desejo contribuir para uma nova abordagem acerca do autor, de sua obra e ir além de seu pensamento, propondo, o confronto de suas ideias a partir dos estudos de Manoel Tosta Berlinck sobre a Psicopatologia Fundamental para investigar as raízes de nossa *Insuficiência Imunológica Psíquica* enquanto sociedade/cultura. Como desdobramento deste estudo pretendo realizar uma pesquisa de caráter empírico em jovens de 12 a 18 anos, pobres, negros, que sofrem vulnerabilidade social. Minha intenção consiste em testar a aplicabilidade do conceito/ideia de *Insuficiência Imunológica Psíquica*, como propôs Berlinck, em pesquisa de caráter sociológico, mas com abrangência interdisciplinar, conforme considera o autor sobre o que é fundamental na psicopatologia: seu fazer interdisciplinar. Neste sentido, utilizarei conceitos e ferramentas metodológicas que procedem da sociologia, história, antropologia, política, educação e psicanálise – psicopatologia fundamental. Eis o referencial teórico que orientará o projeto:

- 1) Ao investigar a vida e a obra de Gilberto Freyre nos deparamos com pormenores significativos sobre o romance familiar dos Freyre. A contextualização deste rico período intelectual, cultural e religioso na vida do autor, a saber, entre as décadas de 1910 e 1930, pode ser capturada através de obras diversas como: *Gilberto Freyre: notas biográficas com ilustrações, inclusive desenhos e caricaturas* (de seu primo Diogo de Melo Meneses, publicada em 1944), *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos* (da historiadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, publicada em 2005), *Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936* (dos antropólogos e sociólogos Enrique Rodríguez Larreta e Guillermo Giucci, em 2007), *Gilberto Freyre. O ex-protestante: uma contribuição biográfica* (do historiador da Igreja Batista Mário Ribeiro Martins, em 2011). Por outro lado, evitando o biografismo recorrente nas obras supracitadas, podemos realizar uma leitura alternativa sobre Gilberto Freyre. Tal estudo

valoriza o conteúdo latente da obra freyriana, pois este “talvez tenha sido parcialmente inconsciente para o próprio Freyre” (Souza, 2003: 65). A investigação deste conteúdo (não manifesto) pode revelar facetas desconhecidas do pensamento freyriano e da atualidade de sua obra. Neste sentido, Edson Nery da Fonseca, um dos maiores gilbertólogos brasileiros, indicou a necessidade de uma biografia antes psicológica que literalmente cronológica do pensador pernambucano, posto que, sua obra repele “as explicações unilaterais exclusivistas, exigindo uma abordagem abrangente” (Fonseca, 1983: 15).

- 2) Sobre a relação entre *ethos*, *pathos* e *cultura* temos o instigante trabalho *Esquizofrenia e Miscigenação*, de Manoel Tosta Berlinck, Caterina Koltai e Ana Irene Canongia, publicado em 2001; também podemos utilizar o brilhante ensaio da Prof^a Dr^a Marcia B. F. Rodrigues *Ethos e pathos: violência e poder em “Casa-Grande & Senzala”*, trabalho que recebeu menção honrosa no Concurso Pierre Fédida de Ensaio Inédito de Psicopatologia Fundamental da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, em 2008. Este ensaio nos permite refletir sobre *pathos* e *cultura* na formação da sociedade brasileira, pensando “Casa-Grande & Senzala”, livro clássico de Freyre, enquanto obra mitopoética epopeica e realizar a crítica/superação da ideia de miscigenação por mistura proposta por Freyre.
- 3) Para analisarmos o pensamento e a obra de Gilberto Freyre, considerando indícios, sinais e sintomas sobre as raízes de nossa insuficiência imunológica psíquica seria frutífero utilizarmos artigos e obras de pesquisadores e intelectuais que se debruçaram sobre temas que tangenciam nossa discussão, a saber: o romance familiar brasileiro (enquanto fábrica de neuroses nacionais) pode ser pensado a partir dos estudos de Elisabeth Roudinesco sobre *romance familiar*; a perspectiva de Freud apresentada em *Neurose de Transferência* pode nos ajudar a pensar nossas neuroses nacionais; o trabalho da Prof^a Dr^a Marcia Rodrigues intitulado *Vulnerabilidade psíquica, violência e poder em Casa-Grande & Senzala*, comunicação apresentada no Seminário Pathos & Cultura, realizado pelo LCP/UFF, indica indícios e sintomas de nossas vulnerabilidades psicopatológicas fundamentais; os estudos e pesquisas de Gisálio Cerqueira Filho sobre *A ‘questão social’ no Brasil* (1982) e *Emoção & Política* (1997) apontam contradições do pensar, sentir e agir políticos no Brasil, em *A Ideologia do favor e a Ignorância simbólica da Lei* (1993) constamos sintomas de nossa frágil democracia e liberalismo para inglês ver, em *Édipo & Excesso* (2002) e *Autoritarismo Afetivo* (2005) percebemos que o autoritarismo está impregnado nos sentimentos políticos, o trabalho *Tropo, trópico, trampa - sofrendo no Brasil*, de 2008, versa sobre pathos e cultura brasileira; o artigo *Os Filhos da Lei* (2001), de Gizlene Neder e Gisálio Cerqueira Filho e o ensaio *Entre o dever e a caridade* (2002), nos proporcionam uma importante discussão sobre assistência, abandono, repressão e responsabilidade parental do Estado Brasileiro.

- 4) O aporte teórico e epistemológico da Psicopatologia Fundamental, das ideias/conceitos de insuficiência imunológica psíquica e vulnerabilidade psíquica, assim como de temas que tangenciam esse debate podem ser pesquisados a partir de livros, textos e artigos de M. T. Berlinck, publicados em sua maioria na Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, da AUPPF: *Psicanálise da Clínica Cotidiana* (1988), *Psicanálise de Sintomas Sociais* (1988), organizado juntamente com Sérgio Aldo Rodriguez, *O que Psicopatologia Fundamental?* (1997), *Insuficiência Imunológica Psíquica* (1997), *O Método Clínico* (2007), *O Método Clínico: Fundamento da Psicopatologia* (2009), *A Noção de Subjetividade na Psicopatologia Fundamental* (2010).
- 5) Por fim, podemos realizar um estudo sobre vulnerabilidade psíquica, sociedade e a educação de jovens, negros, pobres, marginalizados e órfãos de nosso paterfamilis social: o Estado Brasileiro. Obras como *Hello, Brasil! Psicanálise da estranha civilização brasileira* (2007), de Contardo Calligaris; *Os Condenados da Terra* (1968), de Frantz Fanon; *Identidade Fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira, 1993-2005* (2007), de Renísia Cristina Garcia; *Da Diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), de S. Hall; *Superando o Racismo na Escola* (2005), organização de Kabengele Munanga; *NEGRITUDE - Usos e sentidos* (1988), de K. Munanga; *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado* (2016), de Abdias do Nascimento; *Memória D'África: a temática africana em sala de aula* (??), de Carlos Serrano; *Educação e Ações Afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica* (2003), de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Valter Roberto Silvério (Orgs.); *Africanidades brasileiras e educação* (2013), de Azoilda Loretto Trindade (Org.); *Dicionário da escravidão e liberdade* (??), de Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes (Orgs.); *Crítica da razão negra* (2014), de Achille Mbembe.

6. Metodologia e ferramentas de pesquisa

A metodologia de pesquisa que orientará esse projeto será objetivamente delineada a partir dos seguintes percursos epistemológicos:

- 1) Pesquisa Bibliográfica sobre: Gilberto Freyre, obra *Casa-Grande & Senzala*, psicopatologia fundamental, método clínico, psicanálise em extensão, pathos e cultura, insuficiência imunológica psíquica, vulnerabilidade psíquica, jovens e vulnerabilidade social, jovens e educação.
- 2) Pesquisa de Campo sobre o tema *jovens e vulnerabilidade psíquica*. A produção de dados empíricos sobre o tema será realizada através de pesquisa entre jovens de 12 a 18 anos, das turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, da Escola Professor João

Loyola, no município de Serra, ES. A referida pesquisa será realizada a partir dos seguintes instrumentos que serão orientados pelo **método indiciário** (investigação de pormenores significativos) e pelo **método etnográfico** (descrição densa sobre o grupo pesquisado):

- a) Aplicação de questionário semiestruturado com alunos, pais de alunos e equipe pedagógica: professores, coordenadores, diretor;
- b) Realização de entrevistas semiestruturadas com alunos, pais de alunos e equipe pedagógica: professores, coordenadores, diretor;
- c) Realização de grupo de enfoque com alunos e a equipe pedagógica;
- d) Observação participante das atividades e do cotidiano escolar dos alunos e da equipe pedagógica.

7. Cronograma de trabalho

Atividades/Períodos	2021	2022	2023	2024	2025
Pesquisa Bibliográfica					
Revisão de Literatura					
Pesquisa de Campo - jovens de 12 a 18 anos, Escola de Ensino Médio Professor João Loyola, Serra/ES					
Seminários Temáticos na AUPPF					
Atividades na AUPPF					
Relatório Parcial 1					
Relatório Parcial 2					
Revisão Final					
Relatório Final					

8. Referências

BENJAMIN, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense.

BERLINCK, M. T. (1997a). “Insuficiência imunológica psíquica”. *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional*, nº 103, novembro.

BERLINCK, M. T. (1997b). “O que é psicopatologia fundamental”. *Revista Ciência & Profissão*. 17 (2), pp. 13-20.

BERLINCK, M. T. (1999). “Catástrofe e representação: notas para uma teoria geral da psicopatologia fundamental”. *Rev. Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 2, n. 1, março. pp. 09-34.

BERLINCK, M. T. (2009). “O método clínico: fundamento da psicopatologia”. *Rev. Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v. 12, n. 3, pp. 441-444, setembro.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio (1982). *A “questão social” no Brasil: crítica do discurso político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio (1993). *A ideologia do favor e a ignorância simbólica da lei*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio (2002). *Édipo e excesso: reflexões sobre lei e política*. Porto Alegre: Sérgio A. Fabris Editor.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio (2005). *Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento*. São Paulo: Ed. Escuta.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio (2008). *Estridente Strindberg*. Rio de Janeiro: NPL.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio (2008). *Tropo, trópico, trampa - sofrendo no Brasil*. Trabalho apresentado no Simpósio 3: Sofrer nos trópicos? Psicopatologia Fundamental e a realidade sócio-cultural brasileira. Realizado no III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. Niterói/RJ, UFF, de 4 a 7/setembro.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e CERQUEIRA, Marcelo Neder (2007). “Vulnerabilidade psíquica e poder sobre Arthur Schnitzler”. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line*, Ano IV, N.1, maio.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene (1997). *Emoção e política: (a)ventura e imaginação sociológica para o século XXI*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor.

COELHO, Claudio M. (2007). *Gilberto Freyre: indicarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala*. Dissertação de Mestrado em História Social das Relações Políticas. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

COELHO, Claudio M. (2016). *Religião e política: Em nome do Pai: Gilberto Freyre e Casa-Grande & Senzala, um projeto político salvífico para o Brasil (1906-1930)?* Tese de Doutorado em História Social das Relações Políticas do Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

FREUD, Sigmund (1996f [1900-1901]). *A interpretação dos sonhos e Sobre os sonhos*. Parte II. Vol. V. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, Sigmund (1987 [1914-1915]). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Tradução de Abram Eksterman. Rio de Janeiro, Imago.

FREYRE, Gilberto (1933). *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regimen de economia patriarcal*. Rio de Janeiro, Editora Maia & Schmidt.

FREYRE, Gilberto (1995). *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

FREYRE, Gilberto (2003). *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil, vol. 1). São Paulo: Global.

JULIEN, Philippe (2000). *Abandonarás teu pai e tua mãe*. Rio de Janeiro: Cia das Letras.

JULIEN, Philippe (2010). *A psicanálise e o religioso: Freud, Jung, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

LAURENT, Éric (1999). “Entrevista”. *A criança no adulto*. Publicação do Carrossel - Centro de Estudos e Pesquisas de Psicanálise e Criança. Salvador: Bahia, Ano III, N.3 e 4, nov.

LEGENDRE, Pierre (1983). *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Colégio Freudiano.

MILAN, Betty (2013). *Carta ao filho: ninguém ensina a ser mãe*. Rio de Janeiro: Record.

MOURA, Maria Luzia R. de (1999). “Constituição familiar e função paterna”. *A criança no adulto*. Publicação do Carrossel - Centro de Estudos e Pesquisas de Psicanálise e Criança. Salvador: Bahia, Ano III, N.3 e 4, nov.

NEDER, Gizlene e CERQUEIRA FILHO, Gisálio (2001). “Os filhos da lei”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.16, N.45, São Paulo, fevereiro. Acesso em: 19/01/2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092001000100006&script=sci_arttext

NEDER, Gizlene (2002). *Entre o dever e a caridade: assistência, abandono, repressão e responsabilidade parental do Estado*. Trabalho apresentado no 3º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política. Niterói, Rio de Janeiro, julho.

NEDER, Gizlene (2016). *As reformas políticas dos homens novos (Brasil Império: 1830-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Revan.

RODRIGUES, Marcia B. F. (2008). *Ethos e pathos: violência e poder em “Casa-Grande & Senzala”*. Menção honrosa. Trabalho submetido ao Concurso Pierre Fédida de Ensaio Inédito de Psicopatologia Fundamental da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Niterói: UFF. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/pagina-ano-2008-259> - Acesso em: 12/2015.

RODRIGUES, Marcia B. F. (2016). *Vulnerabilidade psíquica, violência e poder em Casa-Grande & Senzala*. Comunicação apresentada no Seminário Pathos e Cultura, realizado pelo Laboratório Cidade e Poder, do ICHF/UFF (Universidade Federal Fluminense), no Campus de Gragoatá, Niterói, Rio de Janeiro, em 03 de junho.